

15 ABR 1988

# JORNAL DO BRASIL

## Trégua do enfado

p 11

### Villas-Bôas Corrêa

**O**racha do PMDB perdeu toda a graça. As crises nanicas que assolam o PFL, o PDS e outras legendas anãs também não conseguem interessar a ninguém. A própria Constituinte, uma vez liquidada



dos os temas políticos de maior emoção e ultrapassadas, na primeira rodada de votação, as reivindicações sociais penosamente emplacadas, arranca bocejos de uma opinião pública desligada, cética e em outra. Quem perde tempo para acompanhar o tricô das conversas do presidente José Sarney com o dr Ulysses Guimarães ou com o senador Marco Maciel? O tecer e desmanchar pontos de uma trança sem fim, ora desfazendo a Aliança Democrática e logo buscando recompô-la, para adiante armar o circo de um bloco superpartidário de apoio ao governo, passando por cima das siglas com a semcerimônia abrutalhada da irritação e desistir ao primeiro embaraço, à singela constatação de dificuldades absolutamente previsíveis?

De repente todos estão se dando conta de que a Constituinte decaiu do interesse popular e a atividade política em geral, esmerilhada por tantas decepções acumuladas, só consegue atrair a atenção dos militantes, dos profissionais do ramo e de um ou outro fanático. Para o grosso da população, tudo o que se diz na Constituinte ou não importa ou é mentira. O que os políticos fazem ou não fazem é apenas assunto para a galhofa, estimulada pela grosseria habitual dos programas humorísticos de televisão. De rádio não, que o rádio já não cuida de humor. No máximo, concede-se a piada que brota dos debates e das improvisações.

Alguna coisa não anda bem para que se registre o alarmante flagrante da abulia popular, justo na fase mais emocio-

nante, porque decisiva, de longo e sofrido processo de transição. Pois nem paga o trabalho de alinhar obviedades. O povo foi se afastando à medida que recolhia frustrações e que se sentia enganado. A transição começou com ele, pelas suas mãos, pelos seus gritos, pela sua presença e pressão nas praças e na fantástica mobilização consensual da virada da página do arbítrio: Está terminando sem ele e até contra ele. Escorraçado, vira as costas e ruma a sua raiva, à espera da hora do voto da desforra ou do desatino do protesto.

Todos os que têm deveres e responsabilidades com a transição deveriam dedicar alguns instantes para a avaliação do que foi perdido, posto fora de esperanças e cuidar de ajeitar uma saída para a grave emergência.

Vale começar por algumas constatações objetivas. Partidos, lideranças, candidatos não têm nada, rigorosamente nada a dizer ao distinto público. Cá de fora, a Constituinte dá a impressão de que se exauriu, gastou-se, deu o que tinha que dar e era pouco-, está murcha e seca como um bagaço.

As tricas do PMDB, os apelos patéticos, e sempre os mesmos, do dr Ulysses para adiar os acertos para a Convenção que nunca é convocada- até as imagens, como a da comparação com a família napolitana que briga aos tapas mas se une na hora da adversidade, são bisadas- não passam nem por perto das aperturas do povo. É conversa de elite, bate-boca de rico. O que se sente na rua é que o PMDB na hora de cumprir, brigou entre si para fugir dos compromissos. E isso por tática intencional, pela mais pura e indefensável salafarice.

As pesquisas de opinião que inundam o mercado denunciam a extrema fragilidade das pretensões a liderança. Falta o líder e, também, faltam os líderes menores, com carisma regional ou a marca ideológica definidora. Um ou outro projeto que anda por aí não se agüenta nas pernas bambas.

Durante mais de um ano, na Constituinte e seus subúrbios, partidos e parlamentares consumiram-se na fogueira das

ambições e dos desentendimentos. Foi além dos limites do tolerável.

Pois agora é isso que está à vista: o espetáculo estourou com a paciência, arreventou com os nervos da platéia. É evidente que na fase atual, até que mude o cenário, não há público para ocupar os vazios do desinteresse nacional. A dança das siglas é um pobre número patusco. A estatística de quem sai ou permanece no PMDB, no PFL, no PDS não provoca nem o gesto de enfado. Ninguém perde o seu tempo com bobices.

A crise, no espasmo da angústia, da incerteza, da insegurança, da decepção, da raiva, saltou dos discursos das tribunas do Congresso, que não se ouvem, para o grito da rua. Quer dizer: a crise está na rua.

Foi um pouco assim nos primórdios da travessia. A virada brotou na reação popular, soprada por algumas lideranças dissidentes, como a do legendário senador Teotônio Vilela. Mas, o PMDB apresentou-se em seguida, como a expressão política e partidária do inconformismo que pipocara aos seus pés.

E agora? Quem se apresenta para assumir, liderar, ordenar, extrair as consequências políticas de um estado de espírito que não se alimenta de esperanças mas, ao contrário, fermenta desenganos?

O espaço está vago, à espera da competência com o senso da oportunidade. Até o governo pode habilitar-se desde que inverta a mão e em lugar de começar por punir o povo, apresente a conta dos erros e corrigidas a quem lucrou na baixa. Ou aos responsáveis. A ele próprio, perdulário e doidivasas, que gastou mal o que não tinha.

Alguém, afinal, como sempre, irá faturar a insatisfação generalizada, tão próxima da insubordinação. Parece que a hora aconselha a saída clássica e democrática de uma campanha eleitoral. Como desaguadouro de protestos e a sementeira de esperanças. Não há outra fórmula conhecida e de eficiência comprovada.

A hora é de antecipar, não de adiar eleição. Até mesmo da micharia de uma eleição municipal...